

Faz-me rir, deixa-me amar: a moral, a transferência e o analista

O enamoramento do analisando por seu analista, fenômeno-chave no estabelecimento do setting analítico, traz uma questão fundamental: o que fazer com isso? Em busca do que chamamos manejo da transferência, procuro na figura insólita do palhaço e sua visada peculiar sobre o mundo alguma semelhança com o sóbrio lugar do analista, passando pelo que é o material de trabalho por excelência desses nesses dois ofícios e os extrai do que Freud chama de vida real: o ridículo.

Por Lucas do Carmo Lima¹

No texto “Observações sobre o amor transferencial” (1915), Freud discorre sobre o manejo transferencial em uma situação que ele considera das mais radicais: quando o analisando se apaixona por seu analista. Ele usa, então, dessa situação peculiar para tratar da importante questão sobre o que faz um analista.

O analista se coloca, por definição, em uma posição de escuta *do que vier à cabeça* de seu analisando, tendo acesso ao inconsciente dele através da *associação livre*. Coloca-se, portanto, à disposição – de falar – de seu paciente. Essa ligação que se permite estabelecer entre um analisando, que confia ao analista o que de mais recôndito pode haver em seus pensamentos e lembranças, e seu analista, segundo Freud, só pode ser amorosa.

O que cabe, perante essa oferta de amor, ao analista? Freud continua dizendo que há, em geral, dois caminhos pelos quais o analista pode recorrer baseando-se na vivência cotidiana. Um dos caminhos é aceitar e retribuir essa oferta amorosa; o outro, recusar. Nessas duas maneiras, porém, perde-se a oportunidade analítica, uma vez que é aceita e retribuída a oferta, se despedaça a dupla analítica, dando lugar a um casal romântico, ou, no caso da recusa, se condena a dupla a uma espiral de ofertas e recusas, o que, se não atravanca o trabalho, desfaz a dupla. Freud ressalta em seu texto que o analista não se pode furtar dessa oferta amorosa, que é o que mantém a dupla analítica, o que forma a relação transferencial. Porém, ressalta ele, só pode ser um tipo de amor *que não existe na vida real*, ou seja, a situação analítica, o *setting*, é um novo lugar.

¹ Psicólogo. E-mail: lucasdocarmolima@gmail.com

O que Freud propõe como a postura do analista perante essa oferta de amor – que também é demanda – é a abstinência. De acordo com essa proposta, a oferta de amor deve ser recebida nesse lugar artificial em que o sujeito, na posição de analista, não frui do amor, não o saboreia – seja para engolir ou cuspir. Pelo contrário, ele acolhe essa oferta e a maneja. Como manejo, entendemos essa assunção do amor do analisando para si *nesse lugar incomum de analista* e o trabalho com ele.

O que diferencia, para Freud, a *vida real* e o *setting analítico* é a questão da moral. Ele marca, nesse texto, com tons carregados, a presença da moral na vida cotidiana, e sua força na determinação de *formas aceitas de relação*, que tramam o pano de fundo desse *lugar comum, vulgar, normal*. A moral, portanto, traz um parâmetro de vida, comportamento e sociedade que diz o que é bom e ruim, aceitável e inadmissível.

Na aula em que a analista Elizeth Andrade de Oliveira abordou o texto, ela trouxe o elemento mais radical da moral e onde o analista encontra as maiores potência e desafio: o manejo do ridículo na relação transferencial. Para chegar a essa constatação, leu um poema de Fernando Pessoa, chamado “Todas as cartas de amor” (1935), transcrito abaixo:

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são

Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

Fernando Pessoa localizou, de maneira poética, o que Freud traz de suas observações para o debate da questão do amor transferencial. Ao contrário de tratar de maneira mundana esse *enamoramento* do analisando, a proposta que ele descreve é a de poder lidar – sem fruir – com esse amor e manejá-lo para que se estabeleça o *setting analítico*, onde se pode dizer tudo o que vier à cabeça, por mais repreensível, absurdo e irracional – ridículo – que possa parecer na *vida real*.

Na tal vida real, o que há de mais próximo dessa posição é a figura do palhaço. O palhaço é *moralmente autorizado a ser ridículo*.

A figura do palhaço é múltipla, contando com diversas escolas e estilos. Podemos citar o palhaço que abaixa as calças em pleno picadeiro, revelando uma cueca ridiculamente estampada – por vezes, com um coração, signo ocidental do amor. Há, ainda, o medieval bobo-da-corte, que poderia fazer rir, o rei e sua corte nobre, de seus próprios atos e das críticas que se lhe faziam *à boca pequena*, censurada, da plebe. Há o comediante *stand-up*, que lota bares e mídias com pessoas interessadas em *poder ouvir* do ridículo repetitivo e cotidiano que elas próprias vivem e, quem sabe, rir disso.

No entanto, há algo de fundamental na figura do palhaço, que pode-se localizar em algo mais corriqueiro: uma criança. A criança, que é um ser nascido no berço do outro, é, se não autorizada, desavisada sobre o ridículo. Ela, que, até chegar à fase de latência, está sendo apresentada *à lei, à moral e aos bons costumes*, ainda não compactuou com essa normalidade. Por isso, no Halloween americano, a criança, inocentemente assustadora em suas fantasia, aborda adultos em suas casas, devidamente municiados de guloseimas, com uma ameaça ritual, sem pestanejar: *doces ou travessuras*. Por isso, no conto de fadas lapidar de Hans Christian Andersen, escrito em 1837, uma criança, ao assistir a pomposa parada para o desfile do rei, em suas *novas vestes reais invisíveis*, pode acusar, impiedosamente: *o rei está nu!*

O palhaço se apodera dessa suspensão da moral momentânea, dessa relativização da norma moral, para tocar a sua plateia no que há de mais assombroso e contido e, como que num ponto sensível, num contato desconcertante, faz rir.

O analista se vale dessa suspensão da moral na construção do *setting*. Porém, o faz de outro lugar. O palhaço parece trabalhar com a identificação, aproveitando-se da

moral e elevando-a ao quadrado, levando ao riso como uma espécie de catarse. O analista, no entanto, dispõe-se a suportar que o rei o confie seu segredo mais inadmissível: *eu estou, de fato, nu*. E, para além do julgamento moral, poder trabalhar com o sujeito – ridículo – por detrás da imagem egóica.

O palhaço e o analista, desconfiantes com a moral, no entanto, concordam: *o humano pode ser ridículo e – mais importante – o ridículo é humano*.

Referências

Freud, S. (1915). “Observações sobre o amor transferencial”, pp. 208-223. In: Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1ª edição, 1977.

Pessoa, F. (1935). “Todas as cartas de amor”. In: http://www.releituras.com/fpessoa_cartas.asp, acessado em 18/10/2012.

“A nova roupa do rei”. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Roupa_Nova_do_Rei, acessado em 18/10/2012.